MUSEU E CONTRA CULTURA

JOSÉ LUIS PORFÍRIO

> Église où quelques élus viennent nourrir une foi de virtuose tandis que conformistes ou faux-dévôts viennent. y bâcler un rituel de classe, le musée peut devenir, un moment, le lieu de pélerinage où se pressent les troupes serrées de fidèles qui à New York, à Washington, à Tokyo ou à Paris, patientent en longues files pour jeter un bref coup d'oeil, comme on baisait autrefois un crucifix ou un reliquaire, sur un chef-d'oeuvre désigné à la ferveur collective"... P. BOURDIEU, A. DARBEL — "L'AMOUR DE L'ART" — Les Musées d'Art Européens et leur public" p.131. Ed. Minuit - 1971
>
> "A função do espectáculo ideológico, artístico, cultural, consiste em mudar os lobos da expontaneidade em pastores do saber e da beleza. As antologias estão repletas de textos de agitação, *os museus de apelos insurrecionais;* a história conserva-os tão bem na calha da sua duração que as pessoas se esquecem de os ver ou de os ouvir"... R. VANEIGEM —"A ARTE DE VIVER PARA A GERAÇÃO NOVA" p.119 Afrontamento 1975.

Paro agora com as citações, no orgulho, na pretensão de querer (eu) dizer também alguma coisa, no medo de não parar, não me conter mais: citar, citar-me, navegar nos comentários, nas notas, nas glosas, nos testemunhos, nos inquéritos, mergulhando no mundo contraditório das palavras intenções e sentimentos de quem faz do Museu a sua profissão e (não?!) acredita nela! Museu! Lugar do culto da Kultura, da consagração máxima do objecto produzido, escolhido, designado, recordado ou (e) exibido pelo homem, lugar do objecto encerrado, fora do circuito comum das coisas da vida, das pessoas! Espectáculo no espectáculo!

Tudo lá cabe, desde as pedras às ideias, passando por regiões inteiras ou modos de viver; tudo pode entrar um dia nesse já antigo edifício, nesse lugar da exclusão, tudo desde que fique colocado fora do circuito, desde que a morte ronde, tudo, da cegonha que vai desaparecendo da Europa e é preciso preservar, à cultura popular moribunda cujos vestígios apressadamente inventariamos, escutando com simpatia os seus fósseis vivos, enquanto, implacável, uma outra cultura, massificante e electrónica, a vai (nos vai) modificando (destruindo) irremediavelmente.

Neste nosso tempo em que tudo é "arte", ou tudo nela também pode (deve) caber ou ser trans(f)tornado, no tempo em que a "operação estética" pode ser apenas a assinatura de uma ideia, este nosso tempo é, e não por acaso, o do imperialismo e da concomitante crise da ideologia museológica, bem como da ideologia estética, imperialismo e crise que mutuamente se geram, se alimentam. Tudo se passa como se a instituição cultural, e oficial, que é o Museu estivesse, com espanto, algum receio e boa dose de luta pela sobre-vivência, a descobrir-se, a criticar-se, encetando uma série de projectos de mutação que bem podem ser outras tantas corridas para a frente.

Tenho para mim que o "Museu de Arte", — nascido dos tesouros e das colecções que o iluminismo tentou por à disposição de um maior número de pessoas, criando edifícios que eram outros tantos *templos* da cultura (e a arquitectura revivalista dos primeiros museus não me deixa mentir), — o "Museu de Arte" repito foi o paradigma, deu a medida de todos os outros que vieram a nascer. Inventou e propôs as técnicas da segurança, da sobrevivência dos objectos, o restauro ou até a reinvenção de tudo o que o homem (qual?) pretende preservar, definindo um espaço fechado, um teatro de objectos (exposição) e um lugar de culto.

Já no nosso século, nalgumas dezenas de anos o Museu--Instituição devorou, tranquila e alegremente, todas as contestações, todos os objectos destinados a subvertê-lo, a destrui-lo internamente. De nada valeu Dada e o seu vómito contra o absurdo da guerra europeia, de nada valeu Duchamp ao sublinhar-lhe o espaço cultu(r)al, ao transpor para dentro dos seus muros os objectos (ready-made) emigrados da vida quotidiana ou da produção mecânica. O urinol chamado "Fonte" e assinado é hoje, entre outras, uma relíquia de uma nova situação cultural, de um novo fazer, des-fazer, ou não-fazer, que se propõe como espectáculo naqueles tão certos lugares, antigos-novos altares de um culto continuado.

Daí que do meu catálogo pessoal de referências eu não pudesse deixar de pôr à frente deste tão curto texto uma citação que define o Museu como lugar de peregrinação cultural abençoado pelos deuses do Turismo e da "Cultura de Massas", e por eles instalado nos principais centros cultu(r)ais deste nosso cada vez mais unificado planeta: admirai meus irmãos admirai!

É fácil, no entanto, talvez demasiadamente fácil, rir-mo-nos das instituições, troçarmos (ritualmente?) dos museus; fazendo das fraquezas forças, chamando a nós o medo que nos inspiram esses monstros: cofres-igrejas-teatros-prisões, espaços do dentro, novas torres do silêncio — casas da morte? — nas quais o ruído programado, pretextual (performances, audio-visuais, animações, etc.) não é mais do que uma maneira, que se quer subtil, de esconder o vazio mais total, a incomunicabilidade, o silêncio. É fácil, e perigoso também, esquecermo-nos, a coberto de uma nova ideologia anti-cultural e anti-museal que tem mais de sessenta anos, os "gritos insurrecionais" de que os Museus, como todas as prisões com seus grafitos, estão cheios. Daí o sentido e o contraponto representado pela citação de Raoul Vaneigem que também abre este texto, daí também que o "Museu de Arte", talvez o mais tradicional, o mais ilegível, o mais inútil, se possa transformar no local mais subversivo; não, nunca se transformará no monstro que seria uma instituição-subversiva, até porque não as há, mas sim na zona dos curtos-circuitos, das (in)comunicações estabelecidas, zona em que a Regra patente dá, a cada leitura, lugar à excepção oculta.

Museu lugar da Regra

Classificar, etiquetar, pôr na história, situar no tempo, no género na espécie, ou na escola, no século, no ano, ver se o objecto está datado, assinado, se a marca do seu antigo possuidor o autentica, se o discurso do estudioso o metamorfoseia, atribuido, atribuível a... a classificação, tal como o espaço, aprisiona. o objecto na ordem, na regra, na história. Daí que um certo tipo de escola, bem como muito professor, busquem continuar no Museu a lição abstracta do compêndio, ilustrando-a com alguns objectos, busquem e... o consigam tantas vezes!

Conclusão — Museu: lugar onde se mostra O QUE É! Lugar do PRA-SER!

Museu lugar da Excepção

Esse lugar do Pra-Ser (dever-ser, devir-ser obrigatoriamente) não será, não é também, fugidiamente embora aos olhos do comum, um lugar de Pra-Zer — o lugar da excepção que transformámos, transformamos ainda em preciosidade — lugar da regra subvertida? Lugar de encontro de uma pessoa com um objecto carregado de intenções e efectividades, carregado de gosto profundo, de gozo intenso de o fazer ou de o v(l)er, para além da época, da encomenda, gargalhada de puro prazer dentro de um discurso (saber?) obrigatório! Objecto que está carregado também de sentidos que escapam a todas as explicações de todos os Doutores, labirinto onde se não podem, afinal, fazer dois percursos iguais, lugar de objectos únicos, de seres únicos! Porque não redutíveis? Porque ainda vivos? Nunca sobre/viventes! Não falemos em testemunhos, mas em testemunhas, seres vivos, contraditórios, quase-pessoas que temos de interrogar, com quem podemos brincar, amigos firmes! Obras de Arte chamam alguns a tais objectos — em continua e desmedida expansão no nosso tempo — é um nome que pode servir enquanto nome melhor não aparecer.

E, afinal, os Museus?

Não serão mesmo as prisões desses objectos, enquanto promovem na sua arquitetura, no seu espaço e funcionamento, uma veneração que corta a comunicação — numa pacotilha de sagrado — que embota o entendimento, que tapa mais do que desvenda?

E, afinal, a contracultura?

Afirmação minoritária de um desejo universal escondido em cada homem, de um encontro, de um secreto entendimento, da cumplicidade que se pode estabelecer na rua, e no eléctrico, no silêncio ou no vozear da descoberta, para além dos doutores das ciências humanas, do "espertos" das comunicações de massas, no encontro de uma, ou duas, ou mais diferenças, das excepções que se falam, do pra-zer que se comunica, num Pra-SER sem leis, totalidade dos diversos!

O Museu também pode ser isto!

E nós?

E tu? ●

VÍTOR FORTES ▶